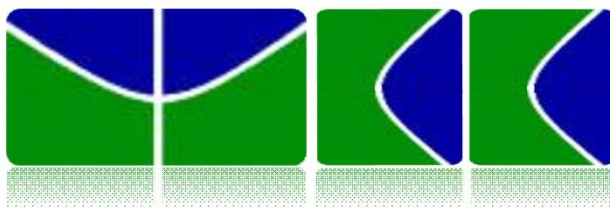


**Trabalho de Conclusão de Curso
Licenciatura em Ciências Naturais**



**O Processo de Ensino no contexto Escolar de
uma Unidade de Internação de Adolescentes do
Distrito Federal**

Gislaine Cardoso Claudio

Orientadora: Juliana Eugênia Caixeta

Universidade de Brasília

Faculdade UnB Planaltina

Fevereiro de 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por ter permitido a minha formação bem como a conclusão desse trabalho.

Agradeço imensamente a minha família, em especial a meus pais por todo o amor que me dedicam todos esses anos, pela compreensão e paciência para lidar com minhas crises em tempo de formação, por apoiarem todas as minhas decisões, por estarem ao meu lado nos momentos bons e ruins e pelo exemplo de amor que compartilham diariamente comigo.

Aos meus irmãos, por percorrerem firmemente comigo nessa caminhada, dando-me motivos para sorrir em meio as dificuldades, por dividirem suas vidas comigo e por me mostrarem que o amor supera qualquer diferença.

Aos meus sobrinhos lindos que são a alegria da minha vida.

Aos meus primos amados, que se mantêm presentes além da distância, melhoram meu astral e me mostram o quanto a vida é linda.

Aos meus amigos de jornada, amigos de formação, amigos de projeto, pessoas com as quais me identifico, pessoas que me acalmam, pessoas com as quais aprendi bem mais do que conteúdos. Levarei as experiências vivenciadas por toda a vida! Agradeço pelo trabalho que desenvolveram comigo por todos esses anos, muitos deles viveram comigo na alegria e na tristeza e, talvez, por um engano da vida não são meus irmãos de sangue, mas são meus irmãos de coração, pois representam muito em minha vida.

A minha orientadora, professora Juliana, por toda a dedicação, o carinho e a preocupação que tem por mim, por ser meu exemplo de pessoa, por amar além das aparências, por cuidar e principalmente por acreditar e nos mostrar que não existe o impossível.

A toda a equipe da Unidade de Internação, pelo acolhimento e a oportunidade de realizar esse trabalho, em especial, aos participantes da pesquisa, pela coragem e vontade que vocês tem em fazer a diferença e tentar de todas as formas resgatar esses adolescentes.

Agradeço, em Especial, ao meu maninho, que nos deixou no final dessa minha jornada, Deus permitiu que ele partisse antes à casa celestial, mas sei que você, Paulo, estará sempre cuidando de mim! Agradeço por tudo que você fez por mim, por abrir mão de muita coisa para morar comigo e possibilitar que eu permanecesse no curso. Se estou aqui, devo isso a você! Você me mostrou o amor de verdade, dava sem pedir nada em troca, não me cobrava nada mesmo quando eu percebia que não estava fazendo muito por você, agradeço por ouvir com paciência meus lamentos e acolher com um sorriso minhas conquistas.

Agradeço por todos os abraços recebidos, por todos os sorrisos compartilhados, por todos os lindos momentos vividos ao longo desses anos, por todas as lágrimas e tristezas divididas e por Deus ter colocado em minha vida pessoas tão magníficas, minha formação foi completa por tudo que vivenciei com cada um de vocês.

Obrigada!



"Se nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção"
Paulo Freire

RESUMO:

Esse trabalho foi desenvolvido em uma Unidade de Internação de adolescentes do Distrito federal que teve como objetivo contextualizar o processo educativo nesse sistema de internação. A metodologia utilizada foi a qualitativa. Foram feitas entrevistas com professores, a gestora da escola e uma psicóloga. A análise dessa entrevista foi feita baseada na análise temática dialógica. Os resultados apontaram que há uma grande dificuldade na realização de mediações na UI porque o trabalho desenvolvido é separado nos diferentes setores da UI. A educação é baseada na segurança dos adolescentes na escola. As questões de segurança é um dos requisitos para a divisão de turmas na UI e a modalidade de ensino que é utilizada é a Educação de Jovens e Adultos, devido à baixa escolaridade de grande parte dos adolescentes internos. As mediações educativas só são possíveis quando os professores trabalham a motivação dos adolescentes e eles estabelecem o vínculo de confiança.

PALAVRAS- CHAVE:

Unidade de internação, Educação de Jovens e Adultos, Adolescentes, mediações.

1.INTRODUÇÃO

1.1 As Medidas Socioeducativas e as Unidades de Internação para Adolescentes

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) define a adolescência como sendo o período da vida que compreende a idade entre 12 e 18 anos (ECA, 1994). Pela Constituição Federal Brasileira (1988), é dever da família, da sociedade e do estado assegurar às crianças e aos adolescentes uma vida segura, com direito à educação e saúde, mesmo quando essas crianças e adolescentes cometem atos infracionais. Nesse trabalho, focamos o processo educacional que acontece em uma Unidade de Internação do Distrito Federal com adolescentes em privação de liberdade.

Quando um/a adolescente comete um ato infracional, ele/a é encaminhado/a para a Delegacia da Criança e do Adolescente – DCA. Na delegacia, acontece a oitiva de testemunhas, vítima e adolescente, além da realização de exames e perícias. Da delegacia, o/a adolescente é encaminhado/a ao Juiz da Vara da Infância e da Juventude para autuação e decisão quanto ao flagrante (liberação ou internação do adolescente). O juiz pode decidir por uma das seis deliberações previstas no artigo 112 do ECA (1990):

1. Advertência (uma “bronca” judicial, com reflexão sobre o ato praticado).
2. Obrigação de reparar o dano (ressarcimento do prejuízo econômico à vítima pelo adolescente).
3. Prestação de serviços à comunidade (realização de tarefas gratuitas por parte do adolescente, em entidades públicas ou privadas, por período não excedente a seis meses).
4. Liberdade assistida (acompanhamento do adolescente nos âmbitos familiar, escolar e comunitário por período mínimo de seis meses).
5. Inserção em regime de semiliberdade (restrição parcial de liberdade durante a qual o adolescente tem direito de se ausentar da unidade para estudar e trabalhar, devendo retornar no período noturno, além de passar os fins de semana com a família).
6. Internação em estabelecimento educacional (restrição de liberdade durante a qual o adolescente se encontra segregado do convívio familiar e social por até três anos) (UNICEF, 2004, p. 22-23).

Para a tomada de decisão sobre a medida, o juiz leva em conta “a gravidade do ato infracional; o contexto pessoal do adolescente e sua capacidade de cumprir a medida a ser imposta. A análise do contexto pessoal é subsidiada também pelo relatório social apresentado pela equipe técnica da internação provisória.” (UNICEF, 2004, p. 52). No caso da decisão pela internação, geralmente, ela acontece por ser: 1. reincidência de ato infracional, ou seja, o/a adolescente já pode ter sido submetido/a a alguma medida socioeducativa por ato infracional, já tendo sido julgado/a e condenado/a à liberdade assistida, por exemplo, mas, mesmo assim, comete outro crime, o que leva o juiz a determinar a internação ou 2. o ato cometido expressa intensa violência, por exemplo:

latrocínio (roubo seguido de morte) ou assassinato, o que leva o juiz a determinar a internação imediata do/a adolescente.

A Organização das Nações Unidas – ONU (1990) estabelece que os adolescentes privados de liberdade têm direito a instalações e serviços que preencham todos os requisitos de saúde e dignidade humana. Esse princípio foi ratificado nos artigos 94 e 124 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), mas pesquisas apontam que mais da metade das Unidades de Internação - UI presentes no Brasil não estão adequadas às necessidades da proposta pedagógica de aplicação da medida socioeducativa e aquelas que são ditas como adequadas estão mais relacionadas à estrutura física do espaço, não se levando em consideração a proposta pedagógica da UI (SILVA & GUERESI, 2003).

A UI- Unidade de Internação de Adolescentes é uma unidade especializada no atendimento de adolescentes em conflito com a lei. Dessa forma, os adolescentes privados de liberdade têm no ECA a garantia de diversos direitos específicos para garantir a eficácia da aplicação da medida socioeducativa de privação de liberdade. Isso significa que o cumprimento da medida socioeducativa se dá no contexto de proteção integral a crianças e adolescentes (SILVA & GUERESI, 2003). Portanto, é assegurado a eles que as medidas estabelecidas garantam diversas ações que considerem: 1. o fato de eles estarem em processo de desenvolvimento e 2. o acesso à educação formal, educação para o trabalho, saúde e lazer. Todos esses direitos devem permitir a inclusão do/a adolescente e a minimização da ocorrência de novos atos infracionais (OLIVEIRA, 2012).

Para que os adolescentes internados possam continuar seus estudos, a UI conta com uma escola pública dentro de sua estrutura organizacional. Essa escola que funciona dentro da UI é ligada a duas escolas polos do Distrito Federal e tem o mesmo modelo de escola pública em meio aberto. Assim, as ações das medidas socioeducativas ligadas ao trabalho, lazer e saúde são efetivadas pela Secretaria da Criança, enquanto as ações educativas são efetivadas pela Secretaria de Educação. No Distrito Federal, há três centros de internação. Nesse trabalho, focaremos um desses centros, mais especificamente, a escola e o processo de ensino.

1.2. Os desafios das escolas das UI

Segundo Silva e Guerresi (2003), as escolas dentro das UI são inadequadas, pois seguem a mesma grade curricular da rede de ensino regular, mas as condições em que se encontram são muito diferentes. Por exemplo, o tempo de aula da escola da UI é menor que o tempo de aula de uma escola convencional, há restrição de atividades por questões de segurança, não há muita disponibilidade de recursos e a metodologia, mesmo sendo educação de jovens e adultos (EJA), é ofuscada pelo ensino tradicional, o que desmotiva esses jovens que, na maior parte dos casos, já abandonaram a escola há bastante tempo.

No contexto nacional, há uma grande dificuldade de lotar professores para as UI. Mesmo com o adicional que eles recebem no salário, os professores não se motivam a trabalhar com um público ligado à criminalidade. Silva e Guerresi (2003) explicam que, provavelmente, o desinteresse passe, também, pela falta de capacitação para lidar com adolescentes em conflito com a lei. Além disso, muitos denunciam a discriminação que enfrentam por parte das Secretarias de Educação e da escola de origem quando se envolvem com trabalhos em escolas vinculadas às UI.

Quando há parceria entre a Secretaria Estadual de Educação e a UI, é a secretaria que assume a responsabilidade pela escola dentro da UI. Nesse caso, o trabalho de ensino na UI se torna mais fácil, porque os adolescentes são reinseridos nos

procedimentos regulares do ensino, como indicado pelo princípio da não completude institucional, reduzindo problemas com material didático e, em alguns estados, até facilita e promove a elaboração da proposta pedagógica (SILVA & GUERESI, 2003).

As UI trabalham na modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Essa modalidade de ensino foi construída, por meio de várias políticas públicas, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases (1996), como uma forma de garantir o direito à educação daqueles que, por algum motivo, não tiveram a oportunidade de ter acesso à educação formal no tempo estabelecido. Portanto, a EJA é uma estratégia de inclusão (RIBEIRO, 1999; PAIVA, 2005).

A EJA é dividida em segmentos que compreendem:

- 1º segmento: ensino fundamental, anos iniciais: duração de quatro semestres, com carga horária de 1.600 (mil e seiscentas) horas;
- 2º segmento: ensino fundamental, anos finais: duração de quatro semestres, com carga horária de 1.600 (mil e seiscentas) horas;
- 3º segmento: ensino médio: duração de três semestres, com carga horária de 1.200 (mil e duzentas) horas.

(SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, sd, web).

A EJA é trabalhada como uma prática política e visa ao engajamento dos grupos populares em ações voltadas à transformação das estruturas sociais produtoras da desigualdade e da marginalização. Essa modalidade de ensino é voltada para as classes populares e para segmentos excluídos do sistema regular de ensino. Portanto, a necessidade de aprendizagem dessas pessoas está relacionada à inserção no mercado de trabalho e percebe-se que essas pessoas têm maior conhecimento prático, ou seja, os jovens e adultos possuem uma grande bagagem de conhecimentos por tudo que já viveram. A grande dificuldade de se trabalhar com a EJA é adequar os conteúdos à realidade dos estudantes, essa dificuldade se baseia, sobretudo, na disponibilidade de recursos bem como na participação dos alunos nas atividades que são propostas. Por se tratar da EJA, muitas pessoas que frequentam essa modalidade a fazem porque realizam outras atividades, como, por exemplo, atividades laborais e nem sempre se dispõem a participar do que o professor propõe (RIBEIRO, 1999).

As UI trabalham com a educação formal baseada na EJA porque grande parte dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas estão afastados da escola e, na maioria das vezes, estão em séries inferiores àquelas que estariam se não tivessem se afastado do processo educativo. Muitas instituições trabalham o processo educativo adaptado à realidade da UI, por isso nem sempre a escola está dentro da UI, sendo que em alguns casos os adolescentes participam do processo educacional de forma externa (SILVA & GUERESI, 2003).

A escolha de desenvolver a pesquisa na UI surgiu de uma parceria existente entre a Universidade e a UI, essa parceria começou em 2010 e desde então são desenvolvidas oficinas de motivação que atendem aos adolescentes privados de liberdade, durante esses atendimentos que ocorrem dentro e fora da UI, as observações e conversas com a equipe da UI motivou a realizar a pesquisa envolvendo a equipe da escola.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivos Gerais:

Conhecer a escola de uma unidade de internação do Distrito Federal e o trabalho que os professores desenvolvem com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em privação de liberdade.

2.2 Objetivos Específicos:

1. Contextualizar o sistema educacional da escola dentro da Unidade de Internação.
2. Conhecer as formas de mediação usadas pelos professores da unidade de Internação para ensinar conteúdos.

3. METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, porque, segundo Barbato (2008), ela visa, principalmente, gerar conhecimento aprofundado de um dado fenômeno, as dimensões complexas de uma problemática ou tema e envolve um número restrito de participantes.

3.1 Participantes:

Participaram da pesquisa três professores da escola da UI que lecionam ciências, artes e geografia. Todos são vinculados à Secretaria de Educação. Participaram, ainda, uma psicóloga e uma gestora da escola da UI. A Gestora é da Secretaria de Educação e a psicóloga é da Secretaria da Criança (ver tabela 1).

Todos os professores entrevistados já deram aula na escola regular por muitos anos, mínimo de 10 e máximo de mais de 20 anos. Eles atuavam na UI há mais de 4 anos.

Para este trabalho, usamos nomes fictícios.

Nome fictício	Cargo que ocupa	Formação Acadêmica
Célia	Gestora	Graduação em Pedagogia
Márcia	Psicóloga	Graduação em Psicologia
Jorge	Professor de Ciências	Graduação em Matemática
Lucas	Professor de Geografia	Graduação em Geografia
Ana	Professora de Artes	Graduação em Artes e Dança (em andamento)

Tabela 1: apresenta a correlação entre os participantes os cargos que ocupam na UI e/ou na escola da UI e a formação acadêmica

3.2 Instrumentos e Materiais

Foi feita uma entrevista semi estruturada com todos os participantes. Para tanto, foram elaborados dois roteiros de entrevistas: um para os professores e outro para a gestora e a psicóloga. Os roteiros foram construídos tendo em vista a literatura estudada e os objetivos desse trabalho.

Como materiais, utilizamos um gravador, um bloco de anotações, caneta e lápis.

A seguir, apresentamos os roteiros:

3.2.1. Roteiro de entrevista para o gestor da escola e a psicóloga da UI

1. Como a escola é organizada?
2. Quando o adolescente chega a UI, o que acontece até que ele entre na escola? (Quais são os critérios que a escola utiliza para separar os alunos?)
3. Quantos alunos a escola atende?
4. Quantos professores têm na escola?
5. Quantas turmas?
6. Os professores recebem alguma capacitação para trabalhar na escola da UI?
7. Conta como é um semestre na escola.
8. E a relação da escola com a família e com os demais setores da UI?
9. E cursos extraclasse? Como funcionam?
10. Materiais didáticos?

3.2.2. Roteiro de entrevista para professores

1. Em quais turmas leciona?
2. Quais conteúdos você aborda?
3. Como aborda esses conteúdos?
4. Quais são as maiores dificuldades e facilidades que encontram ao ensinar ciências num espaço escolar dentro de um centro que atende a estudantes em medidas socioeducativas?

Nem todas as perguntas se aplicaram à psicóloga da UI e algumas outras perguntas foram feitas aos professores, sendo elas relacionadas ao tempo de formação, tempo que lecionavam e formação que possuíam.

3.3.Procedimentos de construção dos dados

Primeiramente, a pesquisadora visitou a UI para apresentar sua proposta de pesquisa e solicitar autorização da instituição para realizar as entrevistas. Com a autorização fornecida, o passo seguinte foi conversar com os professores para agendar dia e horário para a entrevista com cada um/a deles e com a gestora e a psicóloga.

Todos os participantes foram convidados a colaborar da pesquisa como voluntários. A todos foi esclarecida a necessidade de assinarem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em pesquisa (ver anexo1). Só após a assinatura, a entrevista foi realizada. No TCLE, foi esclarecido aos participantes que a técnica de construção de dados seria a entrevista e que seria necessário gravá-las para não se perder dados. Além disso, os participantes eram informados formalmente sobre o sigilo da pesquisa.

A entrevista semi-estruturada foi escolhida porque esta forma de entrevista possibilita o diálogo entre o/a entrevistadora e a pessoa que está sendo entrevistada, bem como possibilita que o/a entrevistador/a altere a ordem ou a pergunta, caso isso se torne necessário. Segundo Manzini (1990/1991 apud MANZINI, 2004), a entrevista semi estruturada ocorre organizada em um tema central e outras perguntas podem ser construídas no decorrer da entrevista caso isso seja necessário.

As entrevistas com a gestora e a psicóloga tinham o objetivo de obter informações que contextualizassem o funcionamento da UI, do centro psicossocial e da escola. As entrevistas feitas com os professores pretendiam obter informações sobre como eles trabalhavam na escola dentro da UI e verificar as mediações utilizadas em

sala de aula. As entrevistas duraram entre 10 e 30 minutos. Ao todo, foram 2 horas de gravação.

As entrevistas foram feitas individualmente, ocorrendo em salas reservadas dentro da UI e ocorreram em dias combinados previamente com cada participante da Pesquisa.

3.4.Procedimentos para análise dos dados

Para a análise de dados, usamos a análise temática dialógica (FÁVERO E MELLO, 1997) na qual a fala do/a participante, inicialmente, é lida várias vezes para, num segundo momento, ser transformada em afirmações. As afirmações geram interpretações a partir da leitura delas mesmas e da teoria estudada. Por fim, as interpretações se transformam em temas, que são os significados complexos que o/a participante construiu, na interação com a pesquisadora e desta com a leitura do texto no momento da análise. A esses significados complexos, Bakhtin (1984 apud CAIXETA, 2006) nomeou temas. Assim, as palavras temas são as palavras em destaque na fala dos participantes (ver tabela 2).

Todo esse processo de análise foi realizado numa estrutura de tabela em que, ao longo das linhas, a análise vai se tornando cada vez mais complexa, até o máximo de complexidade que é a palavra tema.

Pergunta 1:	Fala pura	Afirmação	Interpretação	Palavra tema
Participante 1				

Tabela 2: explica como os dados construídos na pesquisa foram analisados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados serão apresentados e discutidos a partir dos objetivos da pesquisa, a saber:

- Contextualizar o sistema educacional da escola dentro da Unidade de Internação.
- Conhecer as formas de mediação usadas pelos professores da unidade de Internação para ensinar conteúdos.

As palavras temas foram aquelas que mais se destacaram na fala dos participantes, sendo que essas palavras foram agrupadas em grandes eixos para melhor exemplificar os resultados da pesquisa, os eixos e as palavras seguem:

4.1. O sistema educacional da escola dentro da UI

● UI: sua estrutura

A UI é dividida em quatro módulos, nos quais os adolescentes ficam durante o tempo em que não estão desenvolvendo alguma atividade. Há o Espaço Conquista, que

é um módulo especial, porque simula uma casa, com sala e alguns quartos. Os adolescentes ficam nesse espaço como uma conquista por bom comportamento.

Há salas onde ocorrem as oficinas profissionalizantes, sendo estas de panificação, informática e música. Para lazer, há a sala de jogos, que é um dos espaços que os adolescentes mais gostam de utilizar, e uma quadra de esportes, na qual são desenvolvidas atividades de educação física, de disciplinas diversas e de puro lazer. A preferência é a prática do futebol. Dentro da UI também tem um galpão, denominado Multiuso, por ser utilizado para diversos fins, como é o exemplo de oficinas.

Silva e Guerresi (2003) explicam que não é comum que haja profissionais disponíveis para a coordenação das atividades, mas é bastante mencionada a presença de professores de educação física. Algumas unidades fazem e desenvolvem uma programação articulada com a proposta pedagógica e que estão de acordo com as secretarias estaduais e municipais afins. Algumas unidades também trabalham com a promoção de atividades como torneios esportivos com a participação da comunidade e/ou de outras unidades. Na UI investigada, há professor de educação física e já houve torneio de futebol, mas não é uma prática regular.

A escola conta com uma biblioteca, algumas salas de aula e a sala de professores.

● Estrutura da Escola

A escola da UI não tem um Projeto Político Pedagógico- PPP próprio. Desde 2011, a escola tenta construir um PPP com a ajuda de professores universitários. Assim, a escola é vinculada a duas escolas do Distrito Federal, que servem como escolas pólos para a UI. Os segmentos de ensino trabalhados nesse centro são a educação básica: Ensino Fundamental e Médio, na Modalidade de EJA- Educação de Jovens e Adultos.

Quando um novo adolescente chega a UI, é a escola que organiza e providencia os documentos necessários para matriculá-lo na escola. Atualmente, são mais de 80 internos na UI, destes apenas três concluíram o ensino médio e, no momento da construção dos dados, dois adolescentes não estavam matriculados, pois tinham chegado há pouco na UI.

● A chegada à escola

Quando um novo adolescente chega a UI, toda a equipe se mobiliza para acolhê-lo, mobilizando esforços para que, no menor tempo possível, ele continue o processo de escolarização. O processo de inclusão do adolescente recém chegado à escola depende do trabalho em equipe que ocorre internamente, ou seja, com todas as partes que compõem a UI, com a família desses adolescentes, com a escola que o adolescente estudou antes de entrar na UI e com outras UI as quais o adolescente já possa ter cumprido medidas socioeducativas.

Para que o adolescente chegue à escola, é fundamental a questão da segurança. Portanto, a primeira providência é identificar, com o aluno recém-chegado os adolescentes com os quais ele pode ter rivalidade.

“A gente mostra a lista, às vezes, mostra a foto e eles falam se tem guerra ou não. Normalmente, eles não tem interesse em conviver com quem eles tem guerra, normalmente não. Eles preferem evitar, mas assim quando não tem jeito, a gente faz o possível e eles convivem na mesma sala, porque, as vezes, só tem uma turma e não tem como formar outra turma. Eles convivem na mesma sala porque a prioridade maior é a aprendizagem, então a gente sempre tenta sensibilizar eles nesse sentido.” (Célia)

O direito à segurança não significa o fim de todos os conflitos, ameaças e violência, mas sim a existência de instituições confiáveis e que busquem prevenir de maneira eficiente estes episódios e agir de forma equilibrada e justa quando algo acontece. É dever do Estado criar estratégias que garantam essa segurança ao adolescente, é necessário que haja investimentos em segurança externa, diminuindo os riscos de invasões e evasões e assegurando tranquilidade para o trabalho socioeducativo (SINASE, 2006).

● Organização das turmas

Quem faz as separações em turmas é a escola, nas palavras de Márcia:

“Não é a gente que faz essa escolha da escola. É a escola que decide, lá. A escola que vê os documentos dele, que sabe que série ele está, que vem com quem ele vai estudar ou não, isso a gente nem toma conhecimento, mal toma conhecimento, as vezes manda um documento pra gente falando a série dele, mas com quem ele vai estudar tudo é a escola nem passa pela gente.”

Assim, temos que a escola é dividida em turmas. A divisão se baseia em dois critérios: série em que o adolescente se encontra e segurança do adolescente.

Mesmo sendo uma mesma UI, não há uma integração entre diferentes setores e fica a cargo da escola fazer a divisão das turmas, bem como buscar a documentação necessária dos adolescentes para que estes, ao chegarem à UI, sejam inseridos no processo educativo. Também é a equipe da escola que verifica as rivalidades entre adolescentes e, nesse momento, eles optam por não colocar adolescentes com rivalidades na mesma turma, isso só ocorre se não houver outra forma de inclusão escolar. Nesse caso, é necessário um trabalho especial da escola e da equipe de segurança para que os adolescentes rivais convivam:

“a prioridade é a segurança do aluno porque as vezes eles tem guerra aqui dentro, então a gente prioriza a segurança, mas a gente prioriza também que eles convivam em grupo, então as vezes tem alunos aqui que tem guerra mas que eles estudam juntos em prol da escola a gente consegue isso, junto com a segurança a gente trabalha nesse sentido.” (Célia)

É possível perceber nas próprias palavras de Célia que o processo de ensino-aprendizagem é aliado à segurança do adolescente e há uma dificuldade em separar essas turmas pela grande variedade da seriação e os diferentes períodos em que o adolescente inicia o processo educativo. Segundo Silva e Guerresi (2003), além da grande variedade de níveis em que se encontram os adolescentes, pode haver, também, um número reduzido em algumas séries. Além disso, as escolas das UI enfrentam os diferentes períodos de ingresso dos adolescentes na instituição.

Uma crítica a esse sistema de separação de turmas foi levantada pela professora Ana. Ela questiona a viabilidade desse modelo de organização, já que ele não reflete a realidade externa à UI, mas, por outro lado, ela parece não perceber que quem organiza

as turmas é a escola. O conflito segurança-sistemática educacional é mesmo um desafio para as escolas da UI (SILVA & GUERESI, 2003).

“[...] Aqui não é um centro de ressocialização, se a gente não fazer eles conviverem aqui dentro, e quando a gente jogar no universo grande como é o lado de fora, se aqui é um nada, um universo desse tamanhozinho, um universo com oitenta internos, aí a gente joga eles lá fora numa população de quantos mil habitantes, se essa ressocialização a gente não tenta fazer aqui dentro, como vai falar que ele foi ressocializado? [...] eu to aqui por que eu acredito, eu acredito que um dia alguém vai abrir o olho e falar assim: chama quem conhece disso, chama um professor que trabalha em centro de ressocialização, porque todo mundo sabe que o caminho pra tudo é educação.” (Ana)

Para Taborda e Liberati (2009), a privação da liberdade só será eficiente se for entendida como um meio de ressocializar o adolescente que cometeu o ato infracional, buscando prepará-lo para a realidade da sociedade. Percebe-se que a privação da liberdade como medida socioeducativa não é eficiente, pois quase sempre tem efeitos negativos ao rejeitar e excluir o indivíduo penalizado, com o objetivo de aliviar as tensões sociais. Há necessidade de discutir melhor esse tema, pois não há consenso sobre a eficácia e real necessidade de privar o menor infrator da liberdade como forma de ressocializar e é notável que encarcerar pode causar problemas ainda mais graves a sociedade futuramente.

● Professores da UI

Aproximadamente, 15 professores trabalham na escola da UI, sendo que muitos deles lecionam mais do que uma disciplina, por exemplo, o professor de matemática é habilitado para lecionar todas as áreas das ciências, nas palavras do Jorge:

“Esse ano, na verdade um professor aqui, eles geralmente tem que dar mais de duas disciplinas, entende? [...] São poucos professores e a... geralmente a Secretária né?, na verdade ela habilita né? Quem é formado em matemática, ela habilita pra dar aula de física e química.”

Os professores entrevistados relataram que gostam de lecionar e se sentem preparados para lidar com o contexto escolar específico da UI, até pela longa experiência de sala de aula. Um deles é professor há mais de 20 anos. Todos os professores falaram que tentam motivar os adolescentes, bem como construir uma relação de confiança com eles, percebendo que é esse vínculo que garantirá o sucesso do processo educativo.

Nas palavras de Ana:

“[...]quando a gente ta aqui e que consegue mostrar que a gente ta aqui pra ajudar e tudo mais e que eles passam a ver a gente como amigo isso é muito bom.”

4.2 Facilidades encontradas no processo educativo da UI

● Quantidade reduzida de alunos:

As maiores facilidades apontadas pelos professores foram: quantidade reduzida de alunos em sala de aula e a frequência deles nas aulas. Para os professores, esses são fatores que possibilitam o atendimento mais individual, a continuidade dos conteúdos e facilita o desenvolvimento do trabalho em grupo.

As facilidades, por um lado, não ofuscam a preocupação dos professores com a segurança. O professor Jorge, por exemplo, manifestou sua preocupação em relação ao comportamento dos alunos:

“Assim o maior ganho [...] no meu ver é porque você não se prende só ao conteúdo, você tem que tá atento, por exemplo as vezes percebe que tem um que quer brigar com o outro, você tá sentindo alguma coisa, aí você....você tem que tá olhando o que? O comportamento, a psicologia do comportamento, comportamental né?, Então isso dá tempo pra eu avisar antes de acontecer avisar, entendeu? Nesse sentido, então você tá trabalhando com a psicologia do aluno, porque lá fora não, a preocupação minha seria conteúdo, só conteúdo, aqui não, aqui eu tenho que tá atento”.

Os educadores são qualificados, mas não estão preparados para lidar com esses adolescentes: têm medo, não conhecem o ECA e não têm informação sobre as questões de segurança (SILVA & GUERESI, 2003).

● **Motivação é essencial à aprendizagem**

Os professores que participaram da pesquisa afirmaram que o processo educativo só ocorre se os alunos estiverem motivados. Se eles se sentem apoiados e seguros, participam ativamente do processo educativo. Nas palavras do professor Jorge:

“porque, na verdade, o professor ele tá preocupado [...] de forma geral tá preocupado com o conteúdo só, de passar o conteúdo e aqui eu vejo um ganho nessa área, é um ganho assim porque você... você trabalha mais essa parte do comportamento, né analisar pessoa, como é que ele tá hoje, você perceber também um menino ontem por exemplo tava motivado alegre aí hoje tá lá embaixo, aí você fala aconteceu alguma coisa com esse menino aí, alguém mandou ele passar droga, entendeu, alguma coisa assim, ele tá sendo coagido pelos colegas. Então essa parte eu exercito ela muito, então assim, eu como professor eu gosto de exercitar essa parte, e eu acho que o bom é isso, porque lá fora você tem isso também né, o perigo, você perceber essas coisas, é o que a gente vê aqui. Então é um trabalho mais, né assim você é mais explorado, a.... colocar essas percepções mais ativas né?”

Para os psicólogos do desenvolvimento, o motor da ação, inclusive, na escola, é a afetividade. Afetividade significa o desejo de afetar o outro, portanto, na relação professor-aluno, ela implica no comprometimento mútuo de realização do processo de ensino-aprendizagem (CAIXETA & DELABRIDA, 2007).

4.3 Dificuldades encontradas no processo educativo da UI

● **Relação entre as Secretarias:**

A primeira dificuldade se refere à convivência de duas Secretarias de Estado numa mesma instituição. Os adolescentes estão sob responsabilidade da Secretaria da Criança,

mas a escola pertence à Secretaria da Educação e elas não convivem de forma harmoniosa:

“a gente tem um relacionamento é... um pouco distante sabe, inclusive eu bato muito nessa tecla que deveríamos caminhar mais juntos, mas assim não é por nenhum problema nem pessoal nem institucional, é mesmo porque cada um cuida da sua área e eu penso que agente deveria juntar mais.” (Célia).

Um dos conflitos evidente se refere a quem deve fornecer recursos financeiros à escola. Célia relatou que essa questão é muito complicada, pois ambas as Secretarias ficam à espera de que uma das duas cumpra o papel de financiar os materiais didáticos necessários à escola e estes, muitas vezes, são custeados por professores ou doados por outras instituições de ensino.

“Olha essa questão assim é uma coisa também que o termo de cooperação vai prever [...] porque os professores aqui da escola eles não era lotados aqui dessa regional, a escola era meio que... como é que eu posso te falar.. é uma palavra assim estranha mas é largada mesmo sabe? e aí o centro achava assim: não, quem tem que dar esse materiais é a secretaria da educação. A Secretaria não! Quem tem que dá é a Secretaria da Criança! E no fim das contas, a gente não recebia era nada ou recebia muito pouco porque realmente eles são alunos da Secretaria da Educação, então eles recebem uma verba por ser aluno e aí o novo termo de cooperação prevê esse repasse de verba pra ser usado aqui na escola e aí sim seria uma divisão: a Secretaria da Educação entra com recursos que são próprios da secretaria que ela oferece pra outras escolas e o centro com os recursos que prevê pelo fato do adolescente tá cautelado aqui, né com outras coisas que a Secretaria de Educação não é responsável. [...]A gente sai correndo atrás, a gente vai na escolas que tem aqui, a gente perde emprestado, pega com quem a gente conhece, a gente pede pro centro a gente sai correndo atrás.”

Contrariando os resultados da pesquisa de Silva e Guerres (2003), o fato de haver duas Secretarias de Estado na UI estudada, não tem colaborado para: 1. um convívio pacífico entre elas e 2. O fornecimento de materiais didáticos e equipamentos para a escola e para a comunidade escolar da instituição.

“[...] a impressão que dá é de uma falta de organização total, então isso afeta a gente aqui nesse setor de varias formas, tanto em contato direto com os adolescentes que tem demandas que tem criticas ao processo de escolarização e a gente tem pouco contato mesmo quando a gente vai lá, porque as vezes essa relação é pesada com os professores né, não tem o canal muito livre de comunicação e a gente também não vai muito lá na minha percepção.” (Márcia)

● **Falta de Motivação dos alunos**

Outras dificuldades se referem à falta de motivação dos adolescentes. Os professores relataram que o sucesso no processo educativo é muito influenciado pela forma como o professor interage com os alunos. Se ele tiver a confiança dos adolescentes, haverá também respeito e as aulas ocorrerão de forma amigável.

Wallon (1971) explica que a emoção tem importante impacto no processo ensino-aprendizagem tanto positiva quanto negativamente. Quando a emoção é capaz de

contaminar um ao outro e de transmitir prazer ou desprazer, Wallon diz que há um contágio emocional. Portanto, o que os professores parecem explicar ao apontar a motivação como facilitador e, ao mesmo tempo, sua falta como dificultador do processo ensino-aprendizagem, eles estão tratando esse fenômeno, que é não só individual, mas também construído socialmente. Por outro lado, o que Wallon (1971) alerta é que o professor, dada a sua formação, deve ter o domínio de seu comportamento de forma a desenvolver estratégias que sejam prazerosas para que o aluno, por sua vez, possa responder positivamente a esse contexto de mútuo compromisso com o processo de ensino-aprendizagem.

O professor Lucas, por exemplo, em sua fala, reforça que para realizar qualquer atividade tem que conquistar, motivar e convencer o adolescente:

“Você tem que usar muito a questão da... de convencê-lo. De repente: ‘pow professor não vou fazer’. Eu falo: ‘cara você é um cara inteligente, você é o único que participa, quando você ta participando você é ótimo cara, vamos lá vamos preparar aqui que você dá conta, vamos lá e tal’ e você acaba convencendo ele... porque na realidade eles precisam disso, precisam de incentivo, e a gente tem que fazer isso, chamar, conversar e tal. E tinha quatro irmão, aí o mais velhos dele. Aí, eu cheguei pra ele: ‘olha você tem que ser exemplo, você é o mais velho da família, participa aí, você tem condição’, aí ‘tudo bem’. Então é uma questão de muito diálogo, compreende, se você bater de frente com ele, pronto... é aí você tem que chegar nele e bater um particular, vai conversar com ele, é... ajuda muito a questão do dialogo, é na realidade, é um cara que nunca teve assim um apoio do pai, da mãe, de alguém da família, pra tentar convencer ele e foi crescendo assim fora da de uma certa forma “marginalizada”, então pra ele chegar aqui e se adaptar rapidamente é muito complicado assim, a gente tem que fazer de tudo pra convencê-lo, conquistá-lo.”

Segundo Almeida (1999), é importante que o professor mantenha o equilíbrio entre a razão e a emoção. Dessa forma, pode desenvolver habilidades com o estado emocional do estudante com o objetivo de trabalhar a emoção de forma significativa no momento de exercer a atividade cognitiva na sala de aula.

A desmotivação também afeta o processo educativo, bem como a obrigatoriedade da escola, na fala de Ana é possível perceber isso:

“[...] a maior dificuldade de dar aula aqui dentro é porque aqui os meninos estão sob tutela do estado, são obrigados a vir pra escola e em casa como a mãe nunca obrigou a gente não tem o poder de obrigar também.”

O último subtema levantado pelos professores neste item foi a drogadição. Os professores apontaram que há uma dificuldade em trabalhar com esses adolescentes durante alguns dias da semana, especialmente, com alguns adolescentes que têm saída sistemática, ou seja, que são autorizados pelo juiz a deixarem o centro nos fins de semana e retornarem no início da semana:

“A dificuldade, na verdade aqui, o que é complicado é o tal do receptor, então não é questão de você dar aula, é questão do outro rapaz lá ta preparado pra receber, querer receber, esse é o maior desafio, que o aluno vem drogado, então fica difícil e as vezes tem um querendo ali, mas só que a maioria não quer, aí você.. esse um fica prejudicado, aí um manipula o outro, fala “ninguém vai querer nada não” então nesse sentido assim, se não tiver jogo de cintura. Eles também xingam muito, acaba xingando

o professor, assim eles não tem muito respeito pelo professor, ao meu ver de forma geral.”

O uso de drogas se configura como uma problemática atual que vem crescendo a cada dia. Na escola, como esta da UI, em que os adolescentes têm grande probabilidade de chegarem drogados, devido as suas redes de pertencimento fora da UI, o uso da droga representa mudanças, sobretudo, no comportamento, do adolescente que se torna mais agressivo ou desmotivado (SANTOS, OLIVEIRA; KAUARK; MANHÃES, 2011)

● **Conflitos em sala de aula**

Os professores retrataram que a relação professor-aluno é essencial, inclusive, para combater possíveis situações de falta de respeito com o professor. O professor Jorge, por exemplo, conta como convive com esse comportamento agressivo dos adolescentes:

“Então, você tem que tolerar, porque se você, por exemplo, se você toda vez que o menino te xingar ou [...] faltar com respeito, (...) você for tirar ele de sala de aula, a sala vai ficar vazia. Essa é a verdade! Vai dar... vai dar aula pras cadeiras! Então é... os alunos são assim, nesse sentido, muito complicados. Eles não tão bem preparados. Por exemplo, eles falam assim: “_ eu não quero... eu não quero estudar não! Quero é matar! Hoje, tô querendo é matar, professor!”; “eu vim pra matar, roubar e destruir, igual a bíblia fala”. Eles falam isso, entendeu?”(Jorge)

Não é comum durante os cursos de formação de professores serem trabalhadas as questões relacionadas aos conflitos que podem ocorrer na sala de aula. Os professores chegam despreparados à realidade que vão enfrentar diariamente. Assim, os conflitos se tornam um grande problema em sala de aula e não uma oportunidade de mediação com os alunos em prol do desenvolvimento moral deles e do próprio professor (VINHA, 2003).

No entanto, os professores entrevistados evidenciaram profissionalismo ao lidar com conflitos. Eles abordaram o diálogo e a tolerância como estratégias positivas para lidar com eles em sala de aula. Segundo Vinha (2003), essas estratégias são muito favoráveis à mediação de conflitos, porque: 1. explicitam as diferenças de percepção sobre a situação de conflito; 2. possibilita o diálogo sobre os sentimentos envolvidos e, por fim, 3. abrem espaços para a reflexão e para a mediação pedagógica com vistas à autonomia moral.

Por outro lado, a preocupação com as consequências dos conflitos é muito presente no contexto da escola da UI, pela questão das rivalidades entre os adolescentes e do próprio contexto de internação. Assim, lidar com os conflitos requer uma atenção a mais no que tange à segurança do próprio trabalho:

“ [...] Nesse sentido, então você ta trabalhando com a psicologia do aluno, porque lá fora não, a preocupação minha seria conteúdo, só conteúdo, aqui não, aqui eu tenho que ta atento, por exemplo no primeiro dia eles trouxeram é... só lápis tudo apontado e.... assim é.... na hora do intervalo todo mundo saiu com seu lápis, olhai ai oh, na hora do intervalo todo mundo saiu de lápis, ou seja ia dar briga, porque no primeiro dia é onde eles tem alguém que... que foi colocado no lugar errado, entendeu? É onde eles vão ter a divergência, vai tirar os seus atrasados né? As suas diferenças. Então, nesse dia, eu percebi que todo mundo saiu com lápis na mão, ou seja, se vier pra cima eu vou enfiar o lápis na goela do cara, é desse jeito, então ai você tem que

perceber isso, então eu falei: “Junior, ó... o pessoal saiu com lápis aí, todo mundo saindo com lápis, toma cuidado na hora do intervalo.” (Jorge)

● **Medidas profissionalizantes x medidas educacionais**

Outra dificuldade encontrada foi a falta de consenso sobre a aplicação de uma medida socioeducativa. Nem sempre há um acordo sobre o que é prioridade para o estudante, pois o adolescente é, ao mesmo tempo, estudante e interno. Assim, além da escola, os adolescentes são obrigados a participar das atividades internas e externas a UI, que estejam em seu plano de atividades para o cumprimento das medidas socioeducativas, que têm a anuência e autorização do juiz da Vara da Infância e da Adolescência.

A UI oferece, por exemplo, cursos de profissionalização, como o curso de panificação, onde os adolescentes escolhidos têm um ou mais dias na semana para realizá-lo na própria UI, no núcleo de profissionalização. O grande entrave é a falta de diálogo entre as secretarias, porque é frequente o choque de horário entre a escola e os cursos. Por vezes, até a decisão do juiz é contraditória, porque, de um lado, obrigada o interno à frequência na educação formal; por outro, no mesmo horário, decide por cursos profissionalizantes:

“[...] todo mundo sabe que o caminho pra tudo é educação, sabe mais não pratica. A teoria é uma e a prática é outra. Aqui aluno é tirado da escola pra tudo! Por exemplo, o juiz sabe que o menino precisa de ficar aqui uma semana pra fazer uma prova, pra terminar o curso, mas ele libera antes. Aí, a gente, pra não prejudicar aquele menino, faz avaliação, passa pelo conselho e isso e aquilo, então o juiz podia pedir: “qual é a situação o relatório desse menino? qual a situação desse menino?”. Então, educação como em qualquer outro lugar nesse país é separado de justiça, é separado de direitos humanos e é separado de tudo, porque aqui o discurso é um no Brasil e a prática é outra. Porque todo e qualquer político sobe no palanque pra ganhar voto e fala da educação, mas na prática a educação nunca foi respeitada nesse país” (Ana).

4.4 Mediações possíveis na UI: que ocorrem realmente

● **As aulas na escola da UI**

Os professores entrevistados lecionavam Ciências, Geografia e Artes. Na escola da UI, são feitas aulas práticas, mas a principal mediação acontece por aulas tradicionais e teóricas.

Os professores relataram que optam por aulas práticas, mas elas estão baseadas nas condições estruturais da UI, ou seja, não há laboratórios ou materiais didáticos específicos destinados a aulas práticas e nas limitações que os adolescentes têm em utilizar ou não um determinado material. O professor Jorge falou que as aulas práticas facilitam, mas ele costuma trabalhar com aulas tradicionais, devido a essas limitações. Em um de seus relatos ele contou o quanto foi satisfatório trabalhar com aula prática, mas que não é comum fazer suas aulas dessa forma:

“O que acontece em forma geral é aula teórica, acontece que você dá aula prática em projeto, em termo de projeto. Eu tive um projeto aqui de mecânica, aí eu tive realmente que trazer o motor do carro, fizemos lá no multiuso né? [...] Eu tive que explicar. Eu

trouxe.. eu trouxe o motor mesmo do carro, desmontado, nós montamos aqui, então, a aula mais prática que nós tivemos foi essa.[...] Eles gostam.”

De acordo com Borges (2012), muitos professores se disponibilizam a fazer aulas práticas, mas eles baseiam essas práticas em aulas laboratoriais, onde o manuseio de equipamentos é essencial, mas eles não percebem que aulas práticas podem ser feitas em sala de aula, com materiais mais acessíveis, sendo que o uso de equipamentos sofisticados, que normalmente a escola não possui, é desnecessário. O que vai determinar a ocorrência ou não das aulas práticas é a vontade do professor em inovar.

A educação de forma tradicional faz com que os estudantes sejam dominados pelos professores e o papel de educação como libertadora faz com que eles sejam manipulados o que não permite que eles se afirmem como sujeitos, como autores de suas próprias histórias (FREIRE, 1986).

O uso de recursos didáticos se limita ao livro didático, mas há alguns professores que se valem de outros recursos, por exemplo, o professor Lucas:

“[...] na área de geografia, já fiz uso de bússola, GPS, globo. Às vezes, levo lá fora na quadra pra mostrar os as questões da geografia física pontos cardeais, tem que levar um pouquinho a questão da bússola, GPS, globo, vai variando um pouquinho, pra fixar melhor né”.

Nas aulas de artes, a professora também relatou que opta por aulas práticas, pois estas são mais prazerosas e se tornam participativas. Ela costuma trabalhar com temas referentes às culturas brasileiras. Em algumas visitas a UI, Ana mostrou alguns materiais produzidos pelos estudantes. Na Semana de Arte Moderna, por exemplo, as pinturas e poemas ficaram expostos na escola da UI. Produtos feitos na aula de artes também costumam ser utilizados na UI como elementos de decoração.

● Aulas voltadas à motivação dos adolescentes

Algo que motiva os adolescentes a estudarem são os jogos, essa é uma boa alternativa de fazer com que eles participem das aulas e que não a percebam como uma obrigação, como uma medida socioeducativa. Os jogos educativos geram conhecimento, proporcionam a construção em grupo e possibilita que haja a troca de saberes em sala de aula. Foi possível perceber que essa forma de mediação nos motiva a partir das oficinas que já haviam sido trabalhadas anteriormente na parceria com a universidade, a forma como se alcança algo com os adolescentes é com os jogos, eles participam, criam e jogam e se houver adaptações m jogos de carta, por exemplo, é possível trabalhar diversos contextos e tornar a aula mais significativa.

5. Conclusões

Com a realização dessa pesquisa, foi possível perceber que o sistema educacional da escola dentro da UI obedece ao currículo da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Um dos fatores que facilitam o desenvolvimento do trabalho é a pequena quantidade de alunos na escola que não pode ultrapassar doze por medidas de segurança. Percebe-se que o foco do ensino não são apenas os conteúdos em si, mas, também, a segurança dos adolescentes bem como as formas de motivá-los a participarem das atividades propostas.

É possível notar que mesmo se tratando de uma UI pequena, não há um diálogo entre as secretarias envolvidas no funcionamento da UI: Secretaria de Educação e Secretaria da Criança. Todos estão na UI com o objetivo de zelar pelo adolescente interno e de viabilizar a concretude de seu plano de atividades socioeducativas, mas nem sempre esse trabalho é desenvolvido em equipe. Os profissionais entrevistados reconhecem que isso ocorre, percebem que essa é uma falha, mas permanecem trabalhando em separado.

Os conteúdos abordados na UI são os mesmos que ocorrem nas outras escolas do DF na modalidade da EJA. As aulas ocorrem de forma prática, quando são feitos projetos, que raramente acontecem, e de forma tradicional em sala de aula cotidianamente. Os recursos utilizados nessas aulas em muitos casos são fontes de doações.

Estar na UI é acreditar que as mudanças são possíveis, é trabalhar da melhor forma para usar o processo educativo como meio de reinserir o adolescente à sociedade, por isso o trabalho e as mediações ficam melhores se forem feitas em grupo, mas esse trabalho é bastante árduo e para que seja eficaz necessita que a UI caminhe com integridade, rumo ao mesmo objetivo. Finalizo o trabalho, utilizando a fala do professor Lucas:

“a vida de professor é essa, é tipo um cantor no palco as palmas é que, que nos envolve que faz com que a gente tenha vontade de... tenha maior incentivo, alguns alunos que estão lá fora, tem aluno meu. como eu falei. que é gerente da caixa econômica, tem aluno que é “engenheiro”, alguns são professores, então, é como se fosse um artista no palco, a gente tem que ter os aplausos, as palmas, alguém que comenta, nossa força de trabalho é essa: os agradecimentos dos colegas, dos alunos.”

6. REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, A. R. S. **A Emoção na Sala de Aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- BARBATO, S. **Metodologia de Pesquisa Qualitativa**. Brasília: Editora UnB, 2008
- BORGES, A.T; **Novos Rumos Para O Laboratório Escolar De Ciências**, Belo Horizonte, MG, 2012. Disponível em <http://www.fsc.ufsc.br/cbef/port/19-3/artpdf/a1.pdf>. Acesso em 25 de Janeiro de 2013.
- BRASIL. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. Estatuto da criança e do adolescente. Câmara dos Deputados, Brasília, 2001.
- CAIXETA, J. E. **Guardiães da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos**. Tese (Doutorado), Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- CAIXETA, J. E.; DELABRIDA, Z. N. Desenvolvimento e aprendizagem. Em *Cadernos de Estudos – Educação Infantil: Desafios da qualidade*. Pós-graduação em EaD. Universidade Gama Filho/Ceteb: Brasília, 2007.
- FÁVERO, M. H.; MELLO, R. M. **Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13, 1, p. 131-136, 1997.
- FREIRE, P; **Extensão ou Comunicação?**. Rio de Janeiro 1986.
- MANZINI, E. J. Entrevista semi- estruturada: Uma Análise dos objetivos e de rotiros. Em: *Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*, 2, A Pesquisa Qualitativa em Debate. Anais...Bauru: SIPEQ, 2004. 1 CD.
- OLIVEIRA, M. C. R; **O Processo de Inclusão Social na Vida de Adolescentes em Conflito com a Lei**. Ribeirão Preto SP 2012.

ONU, **Regras das Nações Unidas para a Proteção de Jovens Privados de Liberdade**, 1990.

PAIVA, J; **Educação de Jovens e Adultos: Direitos, Concepções e Sentido**. Niteroi, 2005. Disponível em: http://www.bdtndc.uff.br/tde_arquivos/2/TDE-2006-08-11T111132Z-303/Publico/UFF-Educacao-Tese-JanePaiva.pdf acesso dia 02 de fevereiro de 2013.

PEREIRA, M.V; BARROS, S.S; **Produção de Vídeos por Estudantes como uma nova Estratégia de Trabalho Experimental no Laboratório de Física no Ensino Médio**.

SANTOS, E, O; OLIVEIRA, M, F, S, S; KAUARK, F, S; MANHÃES, F, C. **Abordagem sobre a prevenção das drogas no contexto escolar** Disponível em: <http://www.interscienceplace.org/interscienceplace/article/viewFile/150/213> acesso 06 de fevereiro de 2013.

Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, Educação de Jovens e Adultos – EJA Disponível em: http://www.se.df.gov.br/?page_id=228. Acesso 06 de fevereiro de 2012.

SILVA, E. R; GUERESI, S. **Adolescentes em Conflito Com a Lei: Situação Do Atendimento Institucional No Brasil**. Brasília 2003. Disponível em: http://desafios2.ipea.gov.br/pub/td/2003/td_0979.pdf, Acesso em 02 de fevereiro de 2013.

Sistema Nacional De Atendimento Socioeducativo - SINASE/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília-DF: CONANDA, 2006. Disponível em: <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf>.

RIBEIRO, V. M; **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico**, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a10v2068.pdf>, acesso 02 de fevereiro de 2013.

TABORDA, M. C. **Privação de Liberdade na Medida Sócioeducativa**, 2009. Disponível em: <http://www.unibrasil.com.br/arquivos/direito/20092/michellecristina-taborda.pdf>

UNICEF. 2004. Guia das Medidas socioeducativas [online]. Disponibilidade: <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/Guia-MedidasSocioeducativas.pdf>. Acesso dia 28 de agosto de 2012.

VINHA, T. P. **Os Conflitos Interpessoais na Relação Educativa**, Campinas, 2003 Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000295335>. Acesso em 19/09/2011.

WALLON. Henri, **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, 70 ed. 1971.

Fonte da charge:

<http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=ptBR&tbo=d&biw=800&bih=425&tbn=sch&tbnid=fF77KgVIgCr4M:&imgrefurl=http://www.policiaepolitica.com.br/2011/02/page/3/&docid=1hmKsC5Xyvi5BM&imgurl=http://www.policiaepolitica.com.br/wpcontent/uploads/2011/02/chargeadolescente.jpg&w=400&h=303&ei=SosNUdPZA4Ka8gSh5oCAAw&zoom=1&iact=hc&dur=5062&sig=103042422156811667961&page=1&tbnh=134&tbnw=186&start=0&ndsp=8&ved=1t:429,r:4,s:0,i:93&tx=74&ty=223&vpx=2&vpy=43&hovh=195&hovw=258>

ANEXO 1

Termo Livre e Esclarecido

Meu nome é Gislaine Cardoso Claudio, sou Aluna do curso Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade de Brasília, Campus Planaltina. Estou fazendo meu trabalho de conclusão de Curso cujo tema é: **O Ensino de Ciências na Escola de um Centro de Internação de Adolescentes do Distrito Federal**, sob orientação da professora Doutora Juliana Eugênia Caixeta. Os objetivos desse trabalho são: 1) contextualizar o sistema educacional da escola; 2) conhecer como o ensino de ciências é trabalhado dentro da escola que atende adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, em restrição de liberdade; 3) identificar os conteúdos de ciências que são abordados na escola e 4) conhecer as formas de mediações usadas pelos professores para ensinar ciências.

Para isso, farei a aplicação de um questionário e uma entrevista semi estruturada, deixo claro que a participação na pesquisa é **voluntária e sigilosa**. Se houver alguma questão que não queira responder, não será obrigado(a) a isso, caso sinta-se incomodado(a) com as questões, fique à vontade para desistir da participação.

A participação na pesquisa não apresenta riscos, pois sua identidade não será divulgada. Comprometo-me a utilizar nomes fictícios quando utilizar os resultados dentro do texto. Estou à disposição caso você queira entrar em contato para esclarecimento de dúvidas, meu telefone é (61) 91384875, e sempre é possível me encontrar na Faculdade UnB Planaltina.

Planaltina DF _____ de _____ de 2012

Gislaine Cardoso Cláudio

Juliana Eugênia Caixeta
Professora Doutora da Faculdade UnB Planaltina

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu _____, DECLARO que fui esclarecida/o quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pela pesquisadora e CONSINTO a minha participação neste projeto de pesquisa, a realização das gravações (se necessárias) das entrevistas para fins de estudo, publicação em revistas científicas e/ou formação de professores.

Planaltina/DF, _____ de _____ de 2012.
